

caiana

Graziela Naclério Forte

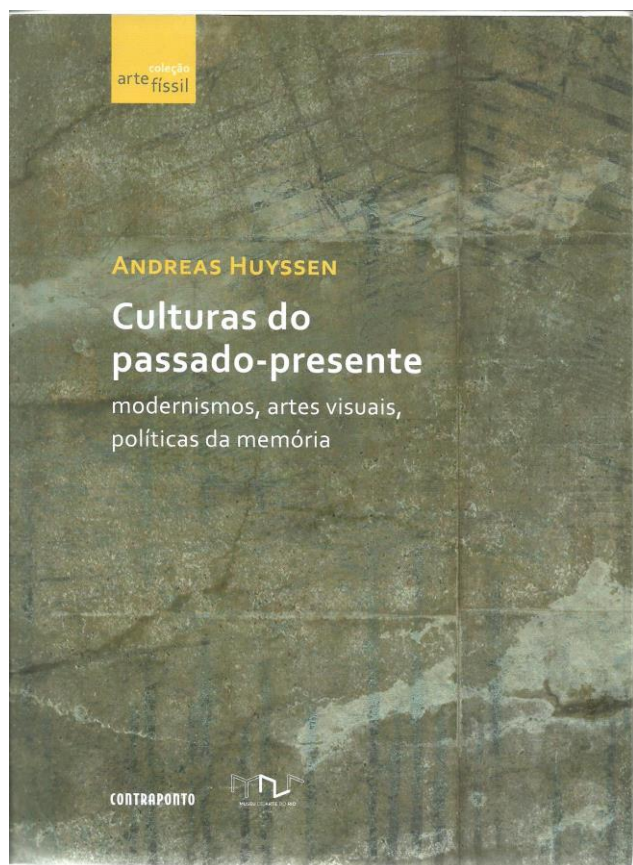
UNESP, Marília

Andreas Huyssen, *Culturas do passado-presente – modernismos, artes visuais, políticas da memória*, Rio de Janeiro, Contraponto, 2014, 213 páginas.

Andreas Huyssen, *Culturas do passado-presente - modernismos, artes visuais, políticas da memória*, Rio de Janeiro, Contraponto, 2014, 213 páginas.

Graziela Naclério Forte

UNESP, Marília



O que há em comum entre os trabalhos do artista plástico argentino Guillermo Kuitca, o teatro de sombras do sul-africano William Kentridge e da indiana Nalini Malani, a série de fotografias do vietnamita Pipo Nguyen-duy e o

modernismo nas duas Alemanhas (oriental e ocidental)?

De acordo com o alemão Andreas Huyssen, professor da Universidade Columbia, crítico de arte e autor do recém-lançado no Brasil *Culturas do passado-presente* (tradução Vera Ribeiro), o ponto de contato está na forma como os artistas lidam com a memória a partir dos traumas históricos de períodos ligados ao Holocausto, II Guerra Mundial, Guerra Fria, Ditadura na América Latina e Genocídio. As obras selecionadas seguem contextos nacionais, não existindo entre elas algum tipo de padrão pré-estabelecido.

Ao todo são 10 ensaios, que abordam aspectos da literatura bem como das artes plásticas, mídia e teoria crítica a partir da produção realizada na América Latina, China, Ásia ou África.

A opção do autor de investigar obras de origens geralmente definidas como “fora do eixo” ou da “periferia” parece pouco comum. Talvez o mais óbvio fosse estudar a arte produzida dentro da tradicional geografia do modernismo, centrada na Europa e nos Estados Unidos, ignorando totalmente as outras partes do globo. Mas não foi este o caso.

Influenciado pela preocupação com a política da memória em seu país de origem, desde 1970, Huyssen tem particular interesse pelos trabalhos artísticos de diferentes épocas e das mais diferentes partes do planeta. Para ele, os desenvolvimentos são desiguais e decorrem de tradições nacionais que refletem os diferentes estágios de urbanização e industrialização de cada país. O modernismo francês, por exemplo, precedeu a variante alemã. A pintura e o romance vieram primeiro na França. A música e a filosofia na Alemanha. E a arquitetura modernista foi a última a aparecer em qualquer parte. Desta forma, a transição é condição de possibilidade da ascensão tanto do modernismo na Europa, como nas colônias, não importando o grau de diferença. E assim, os múltiplos modernismos e suas diversas trajetórias permanecem ligados por mediações complexas. Em outros termos, não é possível pensar em cultura puramente global separada das tradições locais.

Sob essa perspectiva, sugere análises totalizantes em termos geográficos, levando-se em consideração as refrações que afetaram os

vários “modernismos alternativos”, termo utilizado para denominar países que estão fora da Europa, mas que encontraram terreno fértil na América Latina e se depararam com a resistência do nativismo ou de políticas culturais oficiais como na antiga União Soviética ou que assumiram características diferenciadas.

O livro formula questões originais ao tentar superar uma visão canonizada das vanguardas. De maneira instigante, propõe uma revisão das teorias consagradas, indo além dos velhos clichês: centro e periferia, global e local, colonial e pós-colonial, moderno e pós-moderno, ocidental e oriental, porque tais contrapontos pressupõem distinções entre as relações e determinam dois lados contrários, sendo um deles superior e o outro inferior, o que atenua a importância das relações hierárquicas de valor presentes em todas as práticas culturais.

Como aspecto geral, o livro se orienta pelo pressuposto da globalização do modernismo e da política da memória, sem ter criado um modernismo global único ou uma cultura global da memória dos direitos humanos.

Neste trabalho, assim como nas demais publicações do autor intituladas *Memórias do Modernismo* (1996) e *Seduzidos pela Memória* (2000), o objetivo é dar um lugar para a memória nas artes, na política e na defesa dos direitos humanos e serve de alerta para o perigo que é o processo de instrumentalização da memória, passível de ser transformada em um produto da indústria cultural, uma vez que ela pode ser manipulada e nem sempre apresenta características positivas, podendo estar a serviço das ideologias mais radicais ou sujeita aos abusos políticos e econômicos. Alguns desses abusos são discutidos nos ensaios “Resistência à memória”, “Usos tradicionais do discurso sobre o Holocausto e o colonialismo” e “Os direitos humanos internacionais e a política da memória: limites e desafios”.

Vale lembrar que cada vez mais são erguidos monumentos, memoriais, museus, arquivos, ou seja, surgem a cada dia instituições que valorizam o passado. É dentro desse contexto que Andreas Huyssen, como leitor atento de Walter Benjamin, observa a emergência da memória como uma das preocupações culturais e políticas das sociedades ocidentais, contemporâneas, pós-industriais e pós-modernas.

O tema não é totalmente novo, pois a partir da poesia de Charles Baudelaire, Benjamin passou a articular as primeiras linhas sobre a teoria da memória no advento da modernidade. Ele acreditava que ela é capaz de destruir os nexos e (re) inscrever o passado no presente, num movimento duplamente articulado: por um lado tem-se a restauração e a reconstituição do que foi destruído e por outro trata-se de algo aberto e inacabado. E assim, a memória é compreendida como um elemento importante do novo pensamento sobre a história e é vista não mais como representação do passado, mas como a apresentação dele.

Friedrich Nietzsche, Georges Didi-Huberman, Maurice Halbwachs e Michel Foucault também debateram o tema, porém em geral os discursos se inseriam nos contextos nacionais. No entanto, a abordagem apresentada por Andreas traz uma combinação de estudos culturais com aspectos sociológicos, econômicos e levanta questões políticas envolvendo os direitos humanos e a sociedade civil, comunidades imaginadas e o papel da religião, do gênero e da subalternidade. Todas essas questões são atuais e encontram-se presentes nas sociedades contemporâneas, pós-modernas.

¿Cómo citar correctamente el presente artículo?

Naclério Forte, Graziela; “Andreas Huyssen, *Culturas do passado-presente - modernismos, artes visuais, políticas da memória*, Rio de Janeiro, Contraponto, 2014, 213 páginas.” En *caiana. Revista de Historia del Arte y Cultura Visual del Centro Argentino de Investigadores de Arte* (CAIA). No 7 | 2do. semestre 2015, pp. 189-190.